

Literatura de guerrilha: a ideologia do MPLA na obra *As Aventuras de Ngunga* e a proposta de construção de uma nação angolana

Priscila Henriques Lima ¹

"Pepetela é um escritor com vocação para historiador". Assim, Inocência Mata define o autor angolano Carlos Maurício Pestana dos Santos, guerrilheiro do MPLA, romancista e sonhador. Sua ficção é exemplo do diálogo entre literatura e história, visto tamanha dedicação nas pesquisas para o desenvolvimento de suas obras. Além disso, há uma preocupação constante com a crítica social, pois para ele não basta criar uma narrativa ficcional, é necessário trazer a tona problemas de sua nação a serem (re)pensados.

Muitas referências coincidem quanto a considerar a obra de Pepetela como buscando na História matéria para a ficção. Porém, talvez poucos estudos se debruçem sobre a natureza dessa busca. Porque é na natureza dessa busca que me parece residir a diferença - eu diria até a genealidade - dessa literalização dos factos históricos em Pepetela, não pela cristalização de enclaves identitários mas pela mosaicização de identidades como fundadora de um (novo) mapeamento nacional.²

Consideramos a obra *As Aventuras de Ngunga* como testemunho de seu tempo, das lutas de libertação. Suas personagens vão nos apresentando todos os desafios enfrentados pelo movimento para o despertar da consciência da sociedade de acordo com o seu ideal nacionalista. O conhecimento de tais obstáculos aparece nos diálogos, conflitos e reflexões dos guerrilheiros ficcionais; a própria narrativa nos leva a compreender às críticas do autor em relação a prática do movimento.

Com a grande participação de literatos nos quadros de comando do MPLA, a literatura colaborou como instrumento, por excelência, da difusão de seus ideais. Deste modo, através do processo da leitura e de uma estrutura didática adequada pretendia-se alcançar a

¹ Professora Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho compõe a dissertação "*Práticas e ideologias em uma literatura de guerrilha: Mayombe e As Aventuras de Ngunga de Pepetela (1960-1973)*", defendida e aprovada em março de 2013 e financiada pela CAPES. Tal pesquisa foi indicada à publicação e sua realização só foi possível graças ao trabalho em conjunto dos membros do LEÁFRICA, Laboratório de Estudos Africanos - IH/UFRJ, sob a coordenação do Prof. Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho, em especial da Prof.^a Doutoranda Paula Faccini de Bastos Cruz.

² MATA, Inocência. *Pepetela e as (novas) margens da nação angolana*. União dos Escritores Angolanos. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/242-pepetela-e-as-novas-margens-da-na%C3%A7%C3%A3o-angolana.html>> Acesso em: 18.jan.2013.

transferência e o reconhecimento dos ideais nacionalistas do leitor para o cidadão da nação em construção.

Neste ponto encontrava-se um grande desafio ao trabalho de conscientização pelos intelectuais angolanos, pois mesmo sendo o português a língua oficial de Angola³, o país conta com quatro línguas nacionais — umbundu, kimbundu, kikongo e o tchokwe⁴ — e mais 87 línguas indígenas. Diante da divergência entre as línguas tribais e o português, a prática da conscientização política do MPLA dava-se através da oralidade, atuando como metodologia facilitadora dos fundamentos nacionalistas.

Outro ponto relevante a ser comentado aqui foram as dificuldades de manutenção das escolas. Pepetela em entrevista concedida afirma que a fome, péssimas estruturas e a falta de material - "Os alunos vinham das aldeias quase nus e nitidamente com fome"⁵ - foram os grandes desafios do MPLA no que concerne a formação educacional, tanto dos militantes quanto da sociedade que frequentava os kimbo⁶ onde as escolas estavam instaladas. Todavia, por mais que se pense na impossibilidade de manter uma escola dentro desse cenário, Pepetela afirma que obtinha sucesso na tarefa da aprendizagem, os alunos "faziam cinco anos de escola e os melhores conseguiam bolsas de estudo para ir para o exterior. E formaram-se. É porque aprenderam alguma coisa. Também me ocupava da organização das populações em comités, da formação política dos guerrilheiros"⁷.

Dentre tantos enfoques que o MPLA buscou dar durante sua trajetória na luta pela independência, a educação como processo gerador de consciência sempre esteve na pauta permanente, ou seja, o projeto pedagógico proposto partia de um conteúdo que representava a realidade da sociedade e o propósito do movimento. A preocupação maior sempre esteve

³ "A língua oficial da República de Angola é o português", artigo 19.º § 1, Constituição da República de Angola. Assembleia Constituinte. Página visitada http://embangola.artedesign-net.pt/CONSTITUICAO-APROVADA_4.2.2010-RUI-FINALISSIMA.pdf em 10 de setembro de 2010.

⁴ *Perguntas e Respostas*: República de Angola. governo de Angola. Página visitada <http://www.governo.gov.ao/PerguntasERespostasTodos.aspx?Codigo=27> em 10 de setembro de 2010.

⁵ FREIRE, Rita Silva. "Não se festeja a morte de ninguém" - Entrevista com Pepetela. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>>. Acesso em 18.jan.2013.

⁶ Kimbos são povoamentos.

⁷ FREIRE, Rita Silva. "Não se festeja a morte de ninguém" - Entrevista com Pepetela. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>>. Acesso em 18.jan.2013.

vinculada ao tipo de homem que se gostaria de formar, assim o conteúdo versava sobre racismo, guerras, desigualdades. Já na 3ª RPM, a partir da experiência desenvolvida pelo movimento na Cabinda, o MPLA dedicou-se mais ao conteúdo passado aos estudantes. Esse foi o mote principal de criação d'*As Aventuras de Ngunga*, como podemos ver por meio da declaração do próprio autor em entrevista concedida ao antropólogo Carlos Serrano:

[Em Aventuras de Ngunga] Havia uma preocupação didática, podiam ser distribuídos. Aí sim já havia outro objetivo. Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as ideias passavam, as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, interessar-se-iam porque era uma obra de ficção, complementava os textos políticos que estavam acostumados a ler. (SERRANO, 1999: 137)

Ngunga, e o cenário onde se passa a obra, representa o avanço da luta no interior e os esforços do movimento em prol da mobilização desse contingente. Ao contrário do que ocorreu na Cabinda, da falta de preocupação em explicar aos nativos os motivos da luta, na Frente Leste ocorreu um esforço substancial nesse sentido.

O conteúdo educacional que foi desenvolvido e trabalhado na 3ª RPM corrobora com a própria proposta do movimento de criação de um novo homem, entretanto sob a influência de novas alianças internacionais que compartilhavam do marxismo como caminho ideal para o desenvolvimento de uma sociedade. O apoio internacional na formação da frente guerrilheira do MPLA não se resumia ao manuseio de armas e estratégias de guerrilha, havia todo um esforço em formar militantes políticos, conscientes da proposta do movimento. Assim, torna-se necessário compreender o desenvolvimento da guerra nesta região que na verdade foi o marco da vitória do MPLA na luta pela independência.

Correspondendo à lógica marxista-leninista, o partido, neste caso o MPLA, seria o grande organizador da Educação. Cabe a ele despertar na população a compreensão da sua realidade, pois a partir desse momento ela seria capaz de uma ação transformadora - o abandono aos valores colonialistas. E a própria prática pedagógica nesse sentido deve ser direcionada para toda a hierarquia do movimento da mesma forma. A formação ocorre no sentido igualitário, dentro da própria organização do MPLA, evitando a formação de núcleos oportunistas.

Educando o partido operário, o marxismo forma a vanguarda do proletariado, capaz de tomar o poder e de conduzir todo o povo ao socialismo, capaz de dirigir e

de organizar um novo regime, de ser o instrutor, o chefe e o guia de todos os trabalhadores, de todos os exploradores, para a criação de uma sociedade sem burguesia, e isto contra a burguesia. O oportunismo, ao contrário, desliga da massa e educa, apenas, no partido operário, os representantes dos trabalhadores mais bem retribuídos; que se 'instalam' muito confortavelmente em regime capitalista e vendem por um prato de lentilhas o seu direito de primogenitura, isto é, renunciam ao papel de guias revolucionários do povo contra a burguesia. (LENIN, 1978: 33)

A preocupação principal do MPLA ao educar a sociedade, compunha um projeto muito maior do que alcançar a liberdade da nação, mas pensando a longo prazo, seria formar cidadãos capazes de conduzir o povo dentro da lógica do socialismo no pós-independência, principalmente aqueles que iriam atuar nos quadros administrativos do partido, pois o povo como um todo formaria essa administração, e não apenas aqueles que possuísem uma formação privilegiada. Esse discurso também se encontra presente na fala de Agostinho Neto, de 1968.

O sangue que tem sido derramado pelos melhores filhos das nossas pátrias, e os esforços de cada guerrilheiro e de todos os nossos povos, não podem ser gastos em vão, em métodos errados de organização para o presente e inadequados para a administração no futuro. É necessário que o real controle do país, quer no ponto de vista político, econômico ou social, esteja nas mãos do povo que está empenhado na luta e não nas mãos de burocratas que diga-se de passagem - são desonestos e nem sempre são aqueles que encontraremos ou que atualmente encontramos no campo da batalha. (AGOSTINHO NETO, 1979: 48)

A atuação do movimento como intelectual coletivo pode ser percebida quando o MPLA opta por tomar *As Aventuras de Ngunga* como material de apoio no projeto de alfabetização dos angolanos, bem como instrumento didático capaz de colaborar na evolução de sua consciência política. Considerando que o partido é formado por intelectuais orgânicos atuando na sociedade, e que nesta gama de atuações encontra-se o professor, Gramsci compreende que "na escola o nexa instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o professor é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos" (GRAMSCI, 2010: 44).

Neste contexto se insere a obra *As Aventuras de Ngunga* e a figura idealizada da juventude angolana. Este foi o terceiro romance escrito por Pepetela, que diferentemente das demais obras, delegou a esta um propósito didático onde o autor discute em seu conteúdo a

consciência revolucionária. Diante da realidade angolana, a consciência revolucionária não se despertaria voluntariamente, sendo assim a educação atuaria como o núcleo motivador, trabalhando numa ação conjunta com a prática militar.

Ressaltamos que Ngunga representa o homem novo, aquele capaz de combater através da revolução o sistema em voga. Com isso vamos acompanhando o despertar da consciência revolucionária da personagem, o momento em que ela compreende seus direitos e deveres e percebe o seu papel na dinâmica da luta pela independência, levando-a a concluir que as mudanças sociais só seriam possíveis passando pela educação, pois ela é a grande arma de combate ao colonialismo.

Ngunga, jovem órfão de 13 anos, aos 9 viu sua irmã Mussango ser sequestrada e seus pais serem assassinados pelos colonialistas "o pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito" (PEPETELA, 1981: 5).

A transformação de Ngunga em guerrilheiro se apresenta do início ao fim da obra; é a linha principal de condução da narrativa. Temos logo no primeiro diálogo do livro, na fala do guerrilheiro Nossa Luta, a demarcação da infantilidade do jovem Ngunga quando questionado sobre o motivo de seu choro, consequência de uma ferida no pé. Com o desenvolvimento da história, vamos acompanhando o caminho percorrido pelo jovem até sua transformação em guerrilheiro do MPLA, ou como o próprio narrador diz na obra, "um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga" (PEPETELA, 1981: 57).

Correspondendo ao projeto pedagógico do movimento, pretendia-se que o leitor angolano absorvesse o modelo de guerrilheiro estabelecido na figura de Ngunga, reconhecendo no seu desenvolvimento os aspectos morais, sociais e políticos a serem seguidos, ou seja, a formação do cidadão angolano ocorreria também por meio de seu processo de alfabetização. E isso fica claro quando Ngunga abandona sua infância, e seu nome, para em si despertar um novo homem, com a escolha de uma nova alcunha, a qual não é informada ao leitor. Com isso o autor estabelece que qualquer um pode ser Ngunga, todos podem ser Ngunga, esse é o seu ideal de herói.

*Ngunga é sem dúvida um herói da minha pátria, na medida em que o concebi como tal. Tão herói, tão herói, que até desaparece, não se sabe mais dele. Portanto, não se corrompeu, como outros que se consideram ou consideraram heróis...*⁸

A personagem traz em si todas as qualidades desejadas na criação de uma identidade angolana para a nova geração, que além de alcançar o triunfo na guerra de libertação, tomaria as rédeas de um país livre, dando continuidade ao projeto de nação idealizado. Essa idealização atribuída pelo autor, a qual ele mesmo acreditou e dedicou sua vida, foi mais tarde considerada utópica pelo próprio Pepetela, como podemos perceber em sua obra posterior *A Geração da Utopia*. Entretanto, foi esse modelo heroico aqui estabelecido na figura de Ngunga, que nutriu a esperança de uma nação socialista e igualitária, não só de Pepetela, mas de boa parte dos militantes.

No primeiro capítulo o autor já nos apresenta informações importantes com relação aos resultados imediatos da guerra, na altura de 1972: Ngunga é órfão. Esse fato já nos diz muito da realidade daquele momento, visto que na 3ª RPM, onde os conflitos foram se acentuando ao passo do avanço da guerrilha para o interior, o número de crianças órfãs era imenso. A região Leste, em 1972, contava com cerca de 9% do total de crianças sozinhas. Cabe ressaltar aqui que a orfandade não ocorria somente pelo assassinato dos pais; era comum também que os filhos se perdessem de seus responsáveis durante as fugas em busca de regiões mais tranquilas para sobreviver.

Na obra, Ngunga precisa contar com o apoio das pessoas, principalmente na doação de alimentos e estadia, pontos sensíveis a se considerar, visto a realidade de Angola naquele momento: questões étnicas a serem resolvidas e o perigo eminente da chegada dos inimigos colonialistas. Assim, Ngunga em certa passagem diz que poucos são aqueles que se preocuparam com ele a ponto de alimentá-lo ou vesti-lo.

Nossa Luta fora para área de Cangamba, como guerrilheiro. Não voltaria ao kimbo. Quem se lembraria de procurar Ngunga, o órfão, se morresse? Quem deixou, alguma vez, uma mandioca guardada para Ngunga? Quem, ao vê-lo nu, lhe procurou uma casca de árvore/ Sim, havia a velha Ntumba. Mas morreu. A velha Ntumba cuidava dele, obrigava as filhas a dar-lhe comida. As filhas resmungavam,

⁸ CRISTOVÃO, Aginaldo. "O Escritor é um Ditador no momento da Escrita". União dos Escritores Angolanos, Luanda, 14.jun.2010. Disponível em: < <http://www.ueangola.com/entrevistas/item/384-o-escritor-%C3%A9-um-ditador-no-momento-da-escrita>>. Acesso em: 08.ago.2012.

diziam que cultivavam para elas e para os maridos, não para um vadio. Mas acabavam por obedecer à mãe. (PEPETELA, 1981: 10)

Mas na ficção não temos só Ngunga como representante desse grupo; Chivuala também, personagem que acompanhou o Professor União para a formação da escola. Aqui, é nítida a preocupação do MPLA, não só com a formação desses jovens, mas com sua sobrevivência, visto que todos eles viviam de doações.

Comandante Mavinga apresentou Ngunga para União. Disse que ele não tinha família.

- Tem de ficar a viver aqui comigo - disse o professor. - Também já tenho o Chivuala, que veio comigo de Kuando. Os outros alunos são externos, vivem nos kimbos e vêm só receber aulas. Para estes dois, vai haver problema de alimentação.

- Não há problema - respondeu o Comandante. - Vou falar com o povo. Quando derem comida para o camarada professor, acrescentam um pouco para os dois pioneiros. Se se portar mal, avise-me. Estás a ouvir, Ngunga? Se não trabalhares bem, eu vou saber. E, se fugires da escola, eu encontrar-te-ei. (PEPETELA, 1981: 23)

A fala do Agostinho Neto na declaração de independência de Angola, proferida em 1975, nos dá a dimensão de que o MPLA possuía a mesma preocupação que as personagens da obra - Professor União e do Comandante Mavinga, com relação ao futuro da juventude órfã.

A República Popular de Angola considera como um dever patriótico inalienável e de honra a assistência privilegiada e a protecção especial aos órfãos de guerra, aos diminuídos e mutilados de guerra pelos sacrifícios consentidos na luta de libertação nacional. Envidará ainda todos os esforços, no sentido da reintegração completa na sociedade de todas as vítimas da guerra de libertação nacional.⁹

O fato é que durante todo o período colonial, a região leste de Angola foi esquecida pela administração colonial, tanto que as informações estatísticas sobre a economia das principais cidades da área são tão irrelevantes que nem consta nas informações oficiais. Em parte porque Moxico e Cuando Cubango possuíam as densidades populacionais mais baixas de toda Angola e desenvolviam uma agricultura de subsistência. (BITTENCOURT, 2008: 46)

Isso fica claro no texto quando Ngunga é preso e se espanta ao encontrar um agente da PIDE, pois "Ngunga nunca tinha visto um branco. Só vira um mestiço num grupo de

⁹ AGOSTINHO NETO, Antonio. *Declaração de Independência de Angola*. Angola Xyami, 2012. Disponível em: <<http://www.angolaxyami.com/cronica-angolana/ultimas/2012/11/10/declaracao-da-independencia-de-angola-lida-a-1975-4307/>> Acesso em: 02.fev.2013.

camaradas que passaram no seu kimbo, a caminho do Bié. 'Afinal não metia medo nenhum', pensou ele, 'só que é branco'" (PEPETELA, 1981: 36).

Também o isolamento das populações dessa região era inevitável. Quase não tinham contato com a realidade do Planalto Central da colônia e muito menos com o litoral, onde se localizavam as zonas mais populosas e urbanizadas. Como resultado, os laços étnicos e regionais eram reforçados, bem como dificultava o aparecimento de indivíduos com educação formal mínima e com vivência fora da sua região de origem, ou seja, foram barreiras naturais para o desenvolvimento da luta de libertação.

A própria relação de Ngunga com a natureza nos conta um pouco desse afastamento entre a região Leste e as demais áreas urbanas de Angola, quando a personagem realiza um trabalho cartográfico ao descrever a vegetação do local num claro êxtase. Diante da exuberância de um interior ainda pouco tocado pelo colonialismo, "quem podia pensar que ali era uma zona de guerra?" (PEPETELA, 1981: 10) Até mesmo as perguntas que outras crianças vão fazendo ao conhecer Ngunga quando este se encontra na companhia do Comandante Mavinga; todas curiosas, perguntando não só sobre o homem branco, mas sobre suas armas e seus carros.

As crianças rodeavam Ngunga. Olhavam-no com respeito, pois ele andava com o Comandante Mavinga.

- Já combateste? - perguntava um.

- Como é a Zâmbia? - perguntava outro.

- Lá, donde saíste, há muitos carros? - perguntava ainda outro. (PEPETELA, 1981: 22)

A obra tem como principais personagens os guerrilheiros, com personalidades ímpares, mas que possuem em comum o desejo de libertar Angola do crivo colonialista. Porém, assim como faz em *Mayombe*, Pepetela tece sua crítica à organização do movimento, principalmente no que tange negociações políticas que visam o benefício próprio. Observamos a crítica de Pepetela presente em dois momentos específicos da obra: primeiro na figura do Presidente Kafuxi e depois nos embates internos existentes entre os comandantes Mavinga e Avança. Analisemos primeiramente a personagem Presidente Kafuxi.

Kafuxi representa o oportunista, que finge lutar pelo bem comum, mas que na verdade coloca o seu interesse particular como prioridade. Com o olhar ingênuo de Ngunga, Pepetela

vai tecendo seus apontamentos sobre essa questão como no episódio da comida que deveria seguir para a alimentação de guerrilheiros.

Como mais velho e presidente do kimbo, Kafuxi era o responsável pela população de uma série de aldeias, com a tarefa de organizar e resolver os problemas do povo, entre eles o reabastecimento dos guerrilheiros. Ngunga passa a morar com Kafuxi quando Nossa Luta volta para a frente de combate e, certa vez, ouviu a conversa entre o presidente e o Responsável do Setor, onde este último cobrava do líder uma contribuição maior nas doações, visto que ele possuía três mulheres a trabalhar em suas terras, o que levou Ngunga a refletir sobre o fato:

Quando chegava um grupo de guerrilheiros ao kimbo, Kafuxi mandava esconder a fuba. Dizia às visitas que não tinha comida quase nenhuma. Se alguma visita trouxesse tecido, então ele propunha a troca. Sempre se lamentando que essa era a última quinda de fuba que possuía. Se a visita não tivesse nada para trocar, então partia do kimbo com a fome que trouxera.

Ngunga pensava, pensava. Todos os adultos eram assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha uma coisa, era essa força dos bracitos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavoura, para arranjar a comida dos guerrilheiros. (PEPETELA, 1981: 15)

Kafuxi, proprietário de terras, cumprindo com o costume local, coloca suas três mulheres para trabalhar no campo num sistema de subsistência, além disso, conta com a tradição africana que entende na figura do mais velho a personificação da sabedoria, não só pela idade, mas pelo acúmulo de conhecimento. Esse posicionamento faz parte do imaginário coletivo, ratificado pela prática da oralidade. Assim, quando Kafuxi rebate a acusação do Responsável do Setor sobre as doações para os guerrilheiros, este último, em respeito, acata as justificativas do presidente: "o Responsável de Setor era mais novo que Kafuxi. Embora fosse seu superior, devia-lhe respeito. Assim lhe tinham ensinado os seus avós. Engasgava-se, tossia, não sabia que dizer" (PEPETELA, 1981: 13).

O afastamento da região Leste em relação às áreas urbanizadas também atuava na ratificação das tradições, e em consequência criava-se um novo desafio para o processo de conscientização. Um forte exemplo que podemos destacar da obra é a questão do alambamento, um dote pago pelo noivo para a família da noiva, como se estivesse comprando-a. A partir daquele momento a mulher deveria acatar todas as ordens do marido, sem questioná-lo, tal como uma relação de posse e bem. No livro, Uassamba, menina de 14

anos, foi vendida por seus pais ao Presidente Chipoya, porém ao conhecer Ngunga, ambos se apaixonam. E, a própria situação da menina Uassamba, transformada em mulher pelo alambamento, leva Ngunga a questionar o Mundo a partir da vivência em sua sociedade:

Ngunga encostou-se a uma árvore. Por que o Mundo era assim? Tudo que era bonito, bom, era oprimido, esmagado, pelo que era mau e feio. Não, não podia. Uassamba, tão nova, tão bonita, com aquele velho? Lá por que ele a comprara à família? Como um boi que se compra ou uma quinda de fuba? (PEPETELA, 1981: 52)

Observa-se que o fator tradição também era um grande desafio no processo de mobilização da sociedade, pois atuava como um condicionante para o status de cada um dentro da organização social. Esta questão se ratifica na história angolana como podemos ver abaixo no testemunho de Ruth Neto, responsável pela Organização da Mulher Angolana - OMA em Dar-es-Salaam entre 1968 e 1970:

Era um trabalho de mobilização [...] porque há neste processo toda a questão das tradições. E aí com sobas e aqueles velhos era impossível. Mesmo as mulheres não aceitavam muita coisa. Ainda hoje não aceitam, já no país independente [...]. Nessa altura, não se podia falar ainda em termos de reivindicação e de emancipação e coisas assim, porque o sentido estava voltado para outro lado, que era a independência. [...] Reclamávamos, às vezes, pequenas coisas, mas não ainda com aquela consciência de emancipação da mulher, [...] por que nos mobilizávamos na base daquilo que ainda hoje nos serve: na base da saúde, da educação, da necessidade de alfabetização. Porque muitas mulheres - embora se fizesse alfabetização geral - não iam, não participavam, muitas delas não aceitavam. Uma diziam: 'Eu já sou velha, já não aprendo mais', [enquanto outras ressaltavam:] [...] 'Eu sou mulher; não preciso, se o meu marido aprender já é muito bom'. Então, nessa base, nós fazíamos o trabalho. E também por causa da higiene das crianças; a questão delas amamentarem os filhos até muito tarde. Elas tinham de fazer vários serviços, vários trabalhos e então iam com os filhos nas costas, [...] a capinar; com o filho pendurado no seio. Essa era uma base de iniciação para o trabalho com as mulheres. (1991, s/p apud BITTENCOURT, 2008, p. 64)

O OMA foi criado em 1962, e compunha a ala feminina do MPLA. Durante a guerra de libertação, apoiou às forças guerrilheiras dentro e fora dos campos de batalha principalmente no preparo de alimentos para o exército, nas escolas com o processo de alfabetização, nos cuidados com a saúde e no transporte de alimentos e armas cobrindo grandes distâncias. Sua composição era feita de mulheres originárias de variados grupos étnicos e sociais, tendo em comum o ativismo político e o trabalho comunitário, visto que a participação feminina na luta pela independência era "um campo de prova em que todos os

participantes eram exigidos a dar o máximo do seu esforço e desenvolver seus talentos e habilidades" (DUCADOS, 2004: 58).

Assim, o movimento trabalhava com cuidado e paciência, buscando demonstrar em sua presença constante a importância das orientações transmitidas, o que nem sempre era possível dentro daquele cenário.

O segundo momento que o autor tece críticas à organização do MPLA se passa nos conflitos estabelecidos entre os comandantes Mavinga e Avança, como na ocasião que Ngunga conseguira fugir da PIDE trazendo consigo duas armas que pretendia entregar aos cuidados do Comandante Mavinga, todavia esbarrou com o pelotão do Comandante Avança, que ao recebê-lo pegou para si tal armamento, afirmando que todos estão ligados ao MPLA, independente do grupo guerrilheiro. Observemos o diálogo abaixo:

- As armas ficam aqui no Esquadrão - afirma Avança.
 - Não, vou levá-las para o Comandante Mavinga - respondeu Ngunga, irritado.
 [...]
 - O Mavinga, o Mavinga, só te ouço falar do Mavinga. É teu pai?
 - Não é meu pai. É meu comandante - respondeu Ngunga. - Por que você tem inveja do Mavinga?
 O Comandante ficou furioso. Fez um gesto de lhe dar uma chapada. Respirou fundo. Depois gritou:
 - Desaparece da minha frente! O Mavinga, se quiser, que venha depois discutir comigo.
 E Ngunga partiu, a amaldiçoar o Comandante Avança. Ainda o ouviu falar nas suas costas:
 - Esse miúdo julga que é herói e que faz o que quer. Vê-se mesmo que é do grupo do Mavinga. Estão todos convencidos de que são os melhores.
 [...]
 Os guerrilheiros que acompanhavam Ngunga disseram-lhe para não se importar. Avança era invejoso e cruel. Os guerrilheiros não gostavam dele. (PEPETELA, 1981: 45)

Os problemas dentro do movimento, principalmente no interior da guerrilha, eram muitos, levantando uma série de críticas aos comandos militares. Tais críticas relacionavam-se quase que exclusivamente sobre a conduta dos comandantes com os demais guerrilheiros e com as comunidades locais. Diferenças na alimentação, no armamento, no vestuário e nos utensílios utilizados por eles - posturas que divergiam do discurso do MPLA, ou seja, tais comandantes estavam em desacordo com o perfil guerrilheiro requerido pelo movimento. Lembrando que a proposta inicial da organização seria a conscientização gerada como

resultado de ações que envolvessem teoria e prática, o discurso do MPLA deveria estar respaldado nas ações dos guerrilheiros que o representavam.

Outro aspecto abordado é a deficiência da educação básica na região. Os poucos indivíduos que possuíam algum tipo de formação educacional, obtida por meio dos seminários religiosos ou de escolas rurais, eram logo alvo do MPLA para o recrutamento (BITTENCOURT, 2008: 46). Mesmo assim, era relevante a falta de pessoas com o mínimo de conscientização sobre o colonialismo para fora de sua região; ali os nativos desconheciam como esse colonialismo atuava, logo o grande desafio era mobilizar esse contingente. Para isso, o MPLA utilizou de militantes recrutados da 2ª RPM, somando esforços com o investimento militar, fruto das novas alianças internacionais estabelecidas.

Diante desse cenário, a população da região desconhecia de fato a organização educacional, desde sua estrutura física até a proposta pedagógica. Isso fica claro na personagem Professor União, quando conversando com o Comandante Mavinga, começa a descrever o projeto educacional que pretende instalar por ali.

O povo veio com as crianças. O Comandante falou-lhes. A escola já estava pronta, podiam começar as aulas. O Professor União tinha sido enviado de longe pelo movimento, para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a Revolução, que era pra o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. (PEPETELA, 1981: 52)

Com o trecho acima percebemos que não havia interesse colonial em priorizar o ensino para os nativos, e mais uma vez temos a educação como ponto central do projeto de libertação, pois ensinar os colonizados era muni-los de uma arma poderosa, o despertar da consciência.

A opção feita pela colônia em não investir na educação, ratificava o posicionamento de subserviência e superioridade com os colonizados. Para Albert Memmi,

O colonizador não faz coincidir seu futuro com o da colônia, só está aqui de passagem, não investe senão o que rende a curto prazo. A verdadeira razão, a principal razão da maior parte de suas carências é esta: o colonialista jamais decidiu-se a transformar a colônia à imagem da metrópole, e o colonizado à sua

imagem. Não pode admitir tal adequação, que destruiria o princípio de seus privilégios.

Tal colocação destaca ainda mais o papel da escola dentro dos kimbos: deslocava a população de um status de inferioridade baseado nos conceitos de assimilação colonial, elevando-a a um contexto de grandiosidade, pois, a escola representava o seu espaço de resistência.

Além disso, a educação enquanto projeto de alfabetização, também atuaria diretamente nas necessidades do MPLA. Percebemos isso quando Ngunga reflete sobre a prisão do Professor União:

Se soubesse escrever... Sim, se soubesse escrever, podia meter um bilhete na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessara por aprender, só gostava mesmo era de passear. Pela primeira vez, Ngunga deu razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante. Agora era tarde. (PEPETELA, 1981: 37)

Tal fato pode ser observado também à luz do Relatório das Decisões da Primeira Conferência Regional da Primeira e Segundas Regiões, realizado em Dolisie entre os dias 22 e 26 de fevereiro de 1968, momento que o MPLA começa a trabalhar no projeto a ser aplicado à 3ª RPM - Frente Leste, onde fica estabelecido por meio de ata que, no que tange a educação, a nova política deve preocupar-se "fundamentalmente em suprir as necessidades da guerra de libertação, investindo a totalidade dos esforços no interior do país, onde as condições de guerra permitem a formação duma consciência verdadeiramente nacional e revolucionária"¹⁰. Para tanto, decide-se a criação de Centros de Instrução Revolucionária:

Propõe que se criem novos Centros de Instrução Revolucionária, que se intensifique a formação de quadros político-militares e técnicos e que se aperfeiçoem os que já existentes, o Congresso Nacional constitua um organismo nacional para a Educação, que se desenvolva o ensino primário com a criação de novas escolas e a intensificação do esforço de alfabetização, formação cultural e divulgação científica para todo o Povo, que se forme uma comissão que deveria dirigir a educação no interior.¹¹

O conteúdo a ser contemplado pelos CIR's é tema de entrevista dada por Pepetela:

¹⁰ CDIH – Centro de Documentação e Investigação história do Comitê Central do MPLA. *História do MPLA*. 2º Volume (1967-1976). Luanda (Angola): CDIH, 2008, p. 314.

¹¹ Idem, op. cit., p. 314/315.

Estes eram escolas político-militares. Havia um CIR por frente. Além da formação militar, ministrava uma formação política, que era o marxismo simplificado, com elementos da história de Angola, da política angolana, aquilo a que chamávamos de teoria da revolução. Era um pouco o que pretendíamos para Angola. Lateralmente, havia também uma educação geral, a alfabetização ou um pouco mais para aqueles que já eram alfabetizados. Tudo em português. (MATEUS, 1999: 251)

Em *As Aventuras de Ngunga*, tal proposta do movimento é ratificada, visto que foi escrita em português, reproduzida por mimeógrafo para distribuição nas escolas mantidas pelo MPLA no período que Pepetela ensinava a língua em Hongue, na Frente Leste. A obra era distribuída junto com textos oriundos da URSS, que eram traduzidos para o português, e traz em si a compreensão do autor acerca do marxismo, principalmente na formulação de um modelo de herói que resiste ao sistema colonial. Assim, tal ficção trabalha na formulação da consciência política dos colonizados e no desenvolvimento do movimento de libertação nacional.¹²

Ainda observamos dentro da obra o problema dos assimilados, representados pelas personagens G.E. (Grupos Especiais), que atuavam como um grupo auxiliar africano da PIDE. Para esses assimilados que foram integrados ao sistema colonial, não existia qualquer vantagem no processo de independência e em toda luta de libertação.

A questão da assimilação é um assunto recorrente nas duas obras aqui analisadas: em *Mayombe* representada como mote gerador da luta pessoal de uma das personagens - Teoria buscando alienar-se da realidade assimilada imposta pela Metrópole -, já em *As Aventuras de Ngunga*, temos a fala de uma personagem que apoia a prática colonialista.

O cozinheiro [da PIDE] era um velho resmungão. Já sabia da história de Ngunga. - Vocês julgam que vão ser independentes - dizia ele. - Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de quê? Para andares nua a subir nas árvores? (PEPETELA, 1981: 36)

Por meio da proposta de assimilação, Portugal despertou certo fascínio ao angolano, levando-o a imitá-lo, tê-lo como modelo a ser seguido, como um claro exemplo de alienação, como podemos perceber pela reflexão de Ngunga:

¹² DUTRA, Robson. *Entre revolução e infância, metáforas da nação*. UFJF: Revista Ipotesi, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/19-Entre-revolu%C3%A7%C3%A3o-e-inf%C3%A2ncia-met%C3%A1foras-da-na%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 18.jan.2013.

As pessoas de quem gostara e de quem não gostara vinham-lhe à lembrança: os pais, Mussango, Kafuxi, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista. Não eram como os G.E. ou o cozinheiro da PIDE. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos. (PEPETELA, 1981: 41)

Em 1968, quando Sartre escreve a obra "Colonialismo e Neocolonialismo", ele discursa sobre a prática de assimilação, muito utilizada por todas as metrópoles em seus processos de colonização. Buscando arregimentar o apoio dos colonizados, os colonizadores discursavam sobre os benefícios de se viver numa colônia, principalmente por meio da sua missão civilizatória, ou seja, negavam as raízes culturais dos colonizados, associando-as à barbárie, e afirmavam seu posicionamento "salvador", onde numa preocupação maternal, cuidariam para que seus filhos não cometessem os mesmos erros do passado, isto é, a valorização de sua tradição. Para isso, deveriam portar-se como os colonos, vestir-se, proferir o mesmo idioma (SARTRE, 1968: 1968).

O que observamos na obra é que o assimilado seria uma réplica indígena e inferior, e que este olhar do colono europeu não seria alterado. Vide o trecho abaixo:

[Ngunga] Começou a andar pelas casas dos G.E., metendo conversa com eles. Todos lhe chamavam de 'pequeno bandido', mas ele não se importava. Queria saber o máximo que lhe pudesse servir para o plano. Depois compreendeu que os G.E. não serviriam pra nada, pois eram só criados dos portugueses e não tinham força nenhuma ali. (PEPETELA, 1981: 37)

São essas observações de Ngunga que vão moldando seu perfil revolucionário, até culminar no último capítulo do livro, na compreensão de seu papel como guerrilheiro, e como deveria sê-lo dali em diante. Ngunga se apresenta como o herói de sua pátria. Sua fidelidade para com o movimento é despertada pelo exemplo do Professor União; militante que lia todas as ordens que a seção passava para o Comandante Mavinga, que não sabia ler. Assim, ao ser preso e torturado em busca de novas informações onde o grupo de Mavinga atuaria, União resiste. Esse fato tem um peso imenso nas reflexões de Ngunga, que estabelece em União o modelo perfeito a ser seguido:

E União, onde estaria? Continuará a ser torturado. Ngunga tinha perdido mais um amigo. De novo na vida, não tinha ninguém. União tinha talvez sido o melhor de todos. Disse-lho na véspera do ataque. O professor respondeu que também tinha defeitos; ele, Ngunga, talvez ainda não tivesse descoberto, mas todas as pessoas têm

defeitos, ninguém é perfeito. Ngunga continuava a achar que União era perfeito, agora ainda mais do que antes. (PEPETELA, 1981: 40-41)

A representação de União para Ngunga, de ideal a ser seguido, é o que Pepetela pretende transmitir ao leitor angolano durante a sua formação político-militar com as aventuras deste jovem. Aquele que ainda criança rompeu com a tradição de não questionar o mais velho - que devem ser respeitados quando merecem respeito - , e que segue em silêncio, já que "começava a perceber que as palavras nada valiam" (PEPETELA, 1981: 16), para o celeiro de Kafuxi, para encher as quintas com fuba e entregar aos guerrilheiros, afinal "um pioneiro do MPLA luta onde estiver" (PEPETELA, 1981: 39).

A jovem encarna o projeto proposto pelo MPLA, o herói que não almeja o acúmulo de riquezas, não se preocupa com a obtenção de honra e poder; seu objetivo é manter-se livre, viver com integridade e sabedoria. Assim como os guerrilheiros, que por meio de sua ação vão influenciando aos demais, Ngunga por onde passa vai deixando lembranças e lições a serem seguidas. Ele, em si, apesar de ainda analfabeto, age em prol da sociedade como um intelectual, influenciando a todos por meio de seus questionamentos e de suas ações e refletindo durante o percurso da obra sobre a construção de uma nação.

Se Ngunga está em todos nós, que esperamos então para o fazer crescer? Como as árvores, como o massango e o milho, ele crescerá dentro de nós se o regarmos. Não com água do rio, mas com ações. Não com água do rio, mas com a que Uassamba em sonhos oferecia a Ngunga: a ternura. (PEPETELA, 1981: 59)

Ngunga é o espírito que tem como meta despertar o guerrilheiro. Como vimos na obra, ele está presente em todos que se recusam a aceitar os grilhões do colonialismo; ele configura em si o próprio resultado da luta de libertação.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO NETO, Antonio. **Tudo pelo povo, tudo pela independência, tudo pelo socialismo**. Luanda: Edições do Ministério da Defesa/Gráfica Popular UEE, 1979, p. 48.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pág. 44.

- LENIN, Vladimir I. **O Estado e a Revolução**. Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 33.
- PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. São Paulo: Editora Ática – 2ª edição, 1981, p.5.
- SERRANO, Carlos Moreira Henriques. **O romance como documento social: o caso de Mayombe**. Casa das Áfricas, n. 3, 1999, p. 137.
- BITTENCOURT, Marcelo. **“Estamos juntos!” O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)**, Vol. 2. Luanda (Angola): Kilombelombe, 2008, p. 46.
- DUCADOS, Henda. A mulher angolana após o final do conflito. In: MEIJER, Guss. **Da paz militar à justiça social? O processo de paz angolano**. Londres: Conciliation Resources, 2004, p. 58.
- MATEUS, Dalila Cabrita. **A luta pela independência – a formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC**. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1999, p. 251.
- SARTRE, Jean-Paul. **Colonialismo e Neocolonialismo – Situações**, V. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p. 137.